

ELE FICOU POR UM INSTANTE na escadaria do banco, observando o rio humano que descia agitado pela Broadway. Poucos o notavam. E, quando o faziam, era de um modo hostil. Ele estava fora do mundo, “um nada!”, como disse amargurado. Ouvia algumas palavras ditas pelos passantes.

“O cometa?”

“O cometa...”

Todo mundo comentava. Até o presidente, ao entrar, sorriu condescendente para ele e perguntou:

“Então, Jim, você está com medo?”

“Não”, disse lacônico o mensageiro.

“Achei que já tivéssemos viajado na cauda do cometa uma vez”, interrompeu afável o jovem escriturário.

“Ah, era o Halley”, disse o presidente, “este cometa é novo, bem desconhecido, dizem — maravilhoso, maravilhoso! Eu o vi na noite passada. Ah, a propósito, Jim”, ele disse, voltando-se de novo para o mensageiro, “quero que você desça até as câmaras subterrâneas hoje.”

O mensageiro seguiu o presidente em silêncio. Claro que queriam que *ele* descesse até o subterrâneo. Era perigoso demais para homens mais valiosos. Deu um sorriso desesperançado e ouviu.

“Tudo que tinha valor foi retirado assim que a água começou a vazar”, disse o presidente, “mas sentimos falta de dois volumes de registros antigos. Imagino que você possa dar uma procurada lá embaixo... não é muito agradável, suponho.”

“Não muito”, disse o mensageiro enquanto saía.

“Bem, Jim, a cauda do novo cometa nos atingirá ao meio-dia dessa vez”, disse o escriturário do cofre ao entregar as chaves. O mensageiro desceu as escadas em silêncio. Ele desceu abaixo da Broadway, onde a luz era fraca, filtrada por pés de homens apressados; e mais abaixo, até o porão escuro; e mais ainda, na escuridão e no silêncio,

sob a caverna mais profunda. Aqui, com sua lanterna pesada, apalpou as entranhas da Terra, debaixo do mundo.

Ele respirou fundo ao atravessar a última grande porta de ferro e pisar no limo fétido. Aqui finalmente havia paz, e ele seguiu tateando de mau humor. Uma ratazana passou num salto, e seu rosto rompeu teias de aranha. Ele procurou cuidadosamente pelo espaço, tocando prateleira por prateleira, o chão enlameado, as fendas e os cantos. Nada. Voltou para o fundo da sala, onde, de alguma forma, a parede parecia diferente. Sondou, empurrou e esquadrinhou. Nada. Afastou-se. Então, algo o fez voltar. Ele tateava concentrado quando, de repente, a parede negra moveu-se inteira, como se tivesse dobradiças gigantes, e a escuridão bocejou para além. Ele espiou dentro: evidentemente um compartimento secreto — algum esconderijo do velho banco, desconhecido nos dias atuais. Hesitante, entrou. Era uma sala comprida e estreita com prateleiras, e na outra extremidade havia um antigo baú de ferro. Em uma estante alta estavam os dois vo-

lumes de registro perdidos, dentre outros. Ele os separou com cuidado e andou até o baú. Era velho, firme e oxidado. Olhou para a fechadura imensa e antiquada e iluminou as dobradiças. Estavam profundamente incrustadas de ferrugem. Procurando em volta, ele encontrou um pedaço de ferro para usar como alavanca. Cem anos de ferrugem haviam devorado o cofre. A velha tampa desgastada foi levantada devagar e, num último e grave rangido, desnudou o tesouro — e ele viu o brilho opaco do ouro.

“Cabum!”

Um rangido baixo, estrondoso e reverberante, assaltou-lhe os ouvidos. Ele se levantou e olhou em volta. Tudo estava imóvel, um breu. Tateou em busca de sua lanterna e iluminou ao redor. Foi quando entendeu. A grande porta de pedra se fechara. Ele esqueceu o ouro e encarou a morte face a face. Então, com um suspiro, começou a trabalhar metodicamente. Sentia na testa o suor frio. Procurou, bateu, empurrou sem parar até que, depois do que pareceram horas intermináveis, sua mão esbarrou em um pedaço de metal

frio e a grande porta, mais uma vez, se moveu asperamente nas dobradiças. Em seguida, ao bater em algo macio e pesado, parou. Só restou espaço para ele passar espremido. Ali estava o corpo do escriturário do cofre, frio e rígido. Ao encará-lo, sentiu-se mal e nauseado. O ar parecia inexplicavelmente infecto, com um odor intenso e estranho. Ele deu um passo à frente, agarrou-se ao vazio e caiu desmaiado sobre o cadáver.

Despertou com uma sensação de horror, desvencilhou-se do corpo num salto e subiu as escadas se arrastando, chamando pelo guarda. Encontrou-o sentado como se dormisse, e o portão balançando aberto. Passou os olhos por ele e subiu apressado para a câmara intermediária. Em vão, chamou pelos vigias. Sua voz ecoou duas vezes bizarramente. Subiu correndo até o grande subsolo. Aqui outro guarda jazia de bruços, frio e imóvel. Um temor tomou o coração do mensageiro, que subiu desabalado até o banco. A quietude da morte reinava por toda parte, e por toda parte curvavam-se, vergavam-se e estiravam-se as formas silenciosas dos homens.